



## “Adeus Velho Chico, diz o povo nas margens”: há um rio no leito de morte! Reflexões sobre o mergulhar, navegar e práticas no Rio São Francisco e outras antropologias

*Igor Luiz Rodrigues da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este trabalho busca ampliar o debate em torno de uma possível morte do rio São Francisco (um debate recorrente entre ambientalistas, pescadores, pesquisadores, barqueiros e comunidades ribeirinhas, especialmente no baixo São Francisco) a partir de reflexões propostas por Annemarie Mol (2012) de “the body multiple (corpo múltiplo), de Anna Tsing (2012) com o conceito de perturbação e Tim Ingold (2015) com o de paisagem, com o intuito de encarar o rio como um agente que produz processos de negociação, que dialoga com outros agentes, produzindo consensos e controvérsias. Este trabalho não é só uma reflexão bibliográfica, é produzido a partir das próprias vivências do pesquisador, enquanto um agente colaborativo e participe das práticas, dos mergulhos, da navegação, da pesca e etc., desde o seu nascimento na beira deste, e que se estendem ao longo dele. É um trabalho que pretende ser maior, com uma tese que está a caminho.

**Palavras-chave:** Rio São Francisco; Paisagem; Perturbação; Ambiente;

---

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/UFSC, membro do CANOA e IBP/UFSC e bolsista da CAPES.

## 1. Introdução

*“O menino e velho Chico viagens  
Mergulham em meus olhos  
Barrancos, carrancas, paisagens  
Francisco, Francisco  
Tantas águas corridas  
Lágrimas escorridas, despedidas  
saudades  
Francisco meu santo, a velha canoa  
Gaiolas são pássaros  
Flutuantes imagens deságuam os  
Instantes  
O vento e a vela  
Me levam distante  
Adeus velho Chico  
Diz o povo nas margens.”*

(Francisco, Francisco. Maria Bethânia).<sup>2</sup>

Apesar de parecer poética, a letra da música cantada por Maria Bethânia, uma apaixonada pelo Velho Chico, expressa em seus versos ritmados, percepções em torno das vidas que se desdobram às margens do rio São Francisco, expressa praticas cotidianas que se contaminam e se deixam contaminar por suas águas. Quantas viagens este rio proporcionou com as velhas gaiolas e navios? Quantas despedidas foram feitas? Quantas lágrimas foram despejadas em suas águas? Quantos mergulhos continuam a ser dados cotidianamente, ao mesmo tempo em que se navega, em que se lava uma trouxa de roupa, ou se concerta uma canoa? Quantas brisas leves e ventanias pesadas sopraram as canoas de tolda, as canoas e botes de corrida? Quantas enchentes e secas ele já enfrentou e passou? Estamos diante de um rio que corre para o mar, que reinventa seus modos de sobrevivência, que modifica paisagens, suas práticas e as práticas dos seus filhos e filhas. Que carrega consigo lendas, encantos, mistérios. Um rio que mata sede, que produz riquezas, que tona terra férteis, que irriga mundos, povos, comunidades, crenças e vidas.

“Adeus Velho Chico, diz o povo nas margens!”, está no contexto da música para se referir exatamente as despedias tão marcantes nas chegadas e partidas dos vapores,

---

<sup>2</sup> Música retirada do site <https://www.letras.mus.br/maria-bethania/867488/>

gaiolas, navios e canoas, que eram tão comuns nos séculos XVII, XVIII, XIV e meados do século XX, às margens do rio da integração nacional. Porém, neste trabalho essa frase potente e carregada de significados, encontra sentido em outro momento, no momento presente de sua existência, em que pesquisadores, ambientalistas, pescadores, barqueiros e uma parcela da população que vive nas suas margens, em 503 municípios, são enfáticos em atestar para o fato que o rio está agonizando, está em leito de morte, está morrendo, e que o tempo de fazer diagnósticos e pesquisas, não contempla mais o atual cenário encontrado no rio, como afirma Filho et al (2015):

O tempo de grandes diagnósticos já passou e o tempo de ações urge na bacia. O Rio São Francisco se comporta como um paciente terminal, inspira cuidados e não há mais tempo para novos diagnósticos mirabolantes. Resta-nos fazer o árduo processo de monitoramento 24 horas e revezamento dos cidadãos sãofranciscanos na labuta diária e cuidados no sentido mais amplo e sincero (BOFF, 2013). Resta-nos agir. (FILHO, et al.: 2015).

O Manuelzão<sup>3</sup>, da UFMG, em publicação feita em 25 de setembro de 2017, é enfático ao dizer que o rio São Francisco, está sendo vítima de um assassinato progressivo, através de agressões que perduram séculos após séculos, e que em 2017 se encontrava em seu menor nível de água da história, tendo que abastecer cidades nos sete estados por onde passa e agora, também servir de meio de subsistência para outras cidades e estados assistidos pela transposição.

Os números desse assassinato progressivo e contínuo saltam de estudo inédito realizado pelo Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos e pela Companhia do Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (Codelvasf). Entre outros, o trabalho revela um dado assombroso, que traduz em números algo que sempre se percebeu na prática: o leito do rio recebe por ano nada menos que 23 milhões de toneladas de sedimentos, da nascente na Serra

---

<sup>3</sup> O Projeto Manuelzão foi criado em janeiro de 1997 por iniciativa de professores da Faculdade de Medicina da UFMG. O surgimento do Manuelzão está ligado às atividades do Internato em Saúde Coletiva (“Internato Rural”), disciplina obrigatória da grade curricular do curso de Medicina em que os estudantes passam três meses em municípios do interior de Minas Gerais desenvolvendo atividades de medicina preventiva e social. O histórico das experiências desses professores e estudantes revelou que não bastava, período a período, medicar a população. Mais que isso, era preciso combater as causas das doenças. A partir da percepção de que a saúde não deve ser apenas uma questão médica, foi esboçado o horizonte de trabalho do Projeto Manuelzão: lutar por melhorias nas condições ambientais para promover qualidade de vida, rompendo com a prática predominantemente assistencialista. <https://manuelzao.ufmg.br/>

da Canastra, em Minas, à foz no Oceano Atlântico, entre Alagoas e Sergipe. Na prática, é como se a cada ano um milhão de carretas de detritos fossem lançadas na água. Para fazer frente a essa realidade, o estudo propõe outras medidas controversas, que incluem a transposição de águas de outras bacias – enquanto não terminou sequer a polêmica sobre a transposição do próprio São Francisco. (MANUELZÃO, 2017).

Nesse sentido, o “Adeus Velho Chico, utilizado neste trabalho, está posto no sentido de provocar uma reflexão que possibilite entender através de meu processo de engajamento, de percepção, de experiência, de resgate da memória, os sinais dados por ele e que acabam por produzir estudos que conotem para o seu fim, sua morte, sua extinção. O que acaba por me posicionar também, entre esses agentes, esses estudiosos que se vinculam e contribuem para compreensão da realidade, das manifestações culturais, políticas, sociais e ambientais que estão intimamente imbricadas na vida do rio. E que por ser um rio longo e extensivo, o maior em terras totalmente brasileiras, o Velho Chico não se apresenta e nem se constrói de uma única maneira, não está vivo da mesma forma em todos os ambientes, não é construído de uma única paisagem, ele é múltiplo, diverso, heterogêneo, banhado por climas, espécies, vegetações, ambientes e paisagens, que estão sendo elaboradas, reelaboradas, ampliadas e reduzidas de acordo com as relações que estão sendo estabelecidas, resinificadas, construídas e implementadas entre as comunidades e o rio.

Neste ponto, tomo emprestado o conceito de corpo múltiplo (the body multiple) de Annemarie Mol (2012), para colocar o rio como sendo um corpo múltiplo, que se alimenta e caminha em direção ao mar, através das dinâmicas e interações que estão dispostas e sendo dissolvidas o tempo todo por ele e pelos agentes multiespecies. Assim sendo, ao invés de discorrer ou analisar um corpo já construído e moldado, como é o fundamento de uma antropologia mais clássica e seus métodos de pesquisa e escrita, ao me posicionar para o rio São Francisco como sendo esse corpo múltiplo em constante processo de formação e vida em movimento, atento para o fato de que os agentes estão em ação, estão produzindo relações, estão se conectando, seja na pesca, no mergulho, na navegação, na prática de uma atividade física, em uma procissão fluvial, seja na retirada de lixo e sujeira de dentro do rio ou de suas margens e croas, dando condições matérias através das práticas que se constroem. Bem como através das suas reações adversas, seja no aparecimento de bancos de areia, no estreitamento do leito do rio, seja através da falta de peixes. São processos e performances que estão ao nosso alcance, em níveis de cooperação, dando no final das contas um status de protagonista e corpo ao Velho Chico.

Por isso, não estou interessado em algo já pronto e dado, dual e limitado, dentro de um contexto específico, estou me vinculando e me atentando para o que está emergindo, fluindo e sendo sentido e vivido no presente, porém não abro mão de ver e utilizar, o que já foi feito, produzido e cravado na história do rio São Francisco, através dos inúmeros estudos, publicações, reportagens, porque me confere também, comparar imagens, registros, descrições sobre como se apresentava o rio em um dado momento e como ele se apresenta aos olhos sensíveis e tomados por lágrimas de preocupação.

Ademais, o que chamo, ainda no título do trabalho de “Reflexões sobre o mergulhar, navegar, e práticas no rio São Francisco e outras antropologias”, estão em conexão com o que tem proposto por Tim Ingold (2013; 2015), sobre o construir, se engajar, pertencer, perceber em mundos que estão sendo construídos, reelaborados, transformados, vivendo e se alimentando das experiências para construir reflexões e descrições acerca do que é vivido. O mergulhar está inscrito na área do pertencimento, do sobre ser parte e filho próprio destas águas e desde cedo ter a oportunidade de aprender a nadar e a mergulhar, sem medo de encontrar o que a gente não encontra na superfície, de mundos que são vividos sem a presença de corpos humanos se movimentando a todo instante e que ao adentrar nesses mundos outros, estamos sendo contaminados e contaminando a nós mesmos e os outros.

Este trabalho, portanto, ao invés de ser produzido e vivido através de linhas, é em suma, performatizado e elaborado através de mergulhos e nados a tantas margens possíveis que os meus braços sejam capazes de alcançar através do nado, da navegação, de tantas outras práticas esportivas e de produção social vinculadas aos moldes de ser pertencer ao rio e do rio.

[...] que se mover, conhecer e descrever não são operações separadas que se seguem umas às outras em série, mas facetas paralelas do mesmo processo – aquele da vida mesma. É movendo-nos que conhecemos, e é movendo-nos também que descrevamos. [...], Mover, conhecer e descrever, no entanto demandam mais do que estar *em*, ou imersão. Demandam observação. Um ser que se move, conhece e descreve deve estar atento. Estar atento significa estar vivo *para* o mundo. [...]. (INGOLD, 2012: 13).

Posto isso, entendo que os movimentos que tenho feito, estão ligados aos modos de como desde a infância, eu fui aprendendo a me relacionar com o rio, interligados pelos

laços familiares, narrativas elaboradas através de contínuos processos de idas e vindas, de mergulhos, de nados, de passeios de canoas, barcos, de práticas esportivas e momentos de lazer, de modo a se relacionar de modo particular e coletivo com o rio. Argumento então, que este trabalho não começa com minha entrada no doutorado e vai findar ao sair dele, mas é tecido pelos fios da memória travadas na mente, bem como pelo corpo que submerge em experiências da própria vida sendo vivida com e no rio. Portanto, ao passo que desenvolvo a pesquisa, o trabalho científico, estou tento a oportunidade não de existir, mas de viver para o rio e com ele caminhar, e continuar a trançar os movimentos contínuos da vida, da produção inacabada de estar e permanecer no mundo. “Temos, perpétua e infinitamente, que estar nos fazendo a nós mesmos. Isso é o que a vida é, o que a história é, e o que significa produzir.” (Idem, 2012: 31). O trabalho portanto e a produção deste, não se limita para compreensão cartesiana do rio, seus ganhos e suas perdas, mas dialoga com as próprias inquietações do pesquisador, que está em constante processo de evolução nas linhas do devir. Produzir estranhamentos, seja neste sentido, o maior desafio.

## 2. Um rio de paisagens em ruínas e contaminações...

Certa vez, ao ouvir de uma líder religiosa, das religiões de matriz africana, que as histórias e que a gente conta não podem ter ponto final, mas ser colocadas em reticências, tendo em vista que nossos caminhos estão sendo traçados cotidianamente. Assim, ao colocar em reticências o enunciado deste segundo ato, parto da reflexão de que o que estou aqui, narrando, são fragmentos de processos que estão se moldando e reverberando ao longo da formação do rio enquanto um agente vivo e mutável. Ainda porque, tenho a consciência de que estou, como já dito anteriormente, diante de um rio múltiplo, diverso e heterógeno, que não corre, não se desenvolve, não se relaciona e não se reproduz da mesma forma e nem do mesmo jeito ao longo do seu caminho até se misturar e se conectar com o oceano.

Em viagem recente, da foz do rio, no lado alagoano, até a cidade de Pão de Açúcar, também em Alagoas, pude conectar o que eu estava pensando sobre um corpo múltiplo, de Annemarie Mol (2012), com o que eu estava vendo e vivendo nos dois dias de viagem pelas águas do rio, dentro de um grande barco, cuja estrutura era grandiosa, com capacidade para mais de 250 pessoas, distribuídas em três andares. De fato, eu constatei que

não estou em um rio que se apresenta da mesma forma, com uma única estrutura biológica e botânica, vegetal, pelo contrário, ao passo que se navega rio a cima<sup>4</sup>, se encontra e se percebe, claro que para os olhos mais atentos, uma diversidade contaminada, avida por ser entendida, descrita e registrada<sup>5</sup>, através do caderno de campo e do uso abusivo de registros fotográficos e imagéticos.

Foi nessa viagem (passeio, segundo os organizadores), realizada nos dias 21 e 22 de janeiro de 2018, que vi a foz do rio (Imagem 1), pela primeira vez, que eu senti a força que é o encontro do rio com o mar, formando uma paisagem extremamente difícil de ser explicada ou relatada, mas que se modifica constantemente, dependendo das condições do mar, do vento e da própria força que o rio desenvolve ao se entrelaçar com o oceano. Dunas se formam, desaparecem, mar avança sobre o rio, recua mais lentamente, os sons te fazem arrepiar e sentir a vibração da energia que emerge deste encontro no corpo.



**Imagem 1** – Foz do Rio São Francisco: encontro do rio com mar. 20 de janeiro de 2018.

Temos aí então, uma paisagem em ruínas, fazendo emergir o tempo todo, agentes que se conectam e moldam esta paisagem? Se imaginarmos que anos atrás, uma vila de

---

<sup>4</sup> A expressão rio a cima, bastante utilizada pelos barqueiros, canoieiros e pescadores, se refere a direção do rio contrária a direção da foz, ou seja, subir o rio, significa ir da foz até a nascente pelas águas. Mesmo sendo, hoje bastante complexo e complicado fazer esse percurso, tendo em vista os represamentos que se encontram ao longo dele.

<sup>5</sup> Infelizmente, por se tratar de um artigo, essa descrição mais minuciosa não será possível. Porém ela encontrará lugar ou lugares durante a narrativa enclausurada da tese.

pescadores no lado sergipano da foz, foi todo engolido pelo mar<sup>6</sup>, restando apenas um farol<sup>7</sup>, que hoje se encontra praticamente no meio do oceano, e neste caso, a ruína ou a paisagem em ruína se faz na transformação de uma paisagem cultural, em uma paisagem natural, se sobressaindo os agentes naturais em detrimento da força da ação humana. Ao mesmo tempo, a foz não é a mesma todos os dias, ela se reinventa quando mundos se chocam e entram em guerras ontológicas com eles mesmos e com os outros,<sup>8</sup> se alargando e provocando a multiplicidade de vidas e agências em torno do rio e de suas paisagens em variadas formas de reconstrução e transmutação.

E subindo o rio, saindo da foz, logo se vê que já há modificações em torno das paisagens, se antes era possível apreciar se sentir as dunas de areia se moldando com o vento que sopra do oceano, ao passo que se afasta da foz, o rio vai ganhando contornos, como se estivéssemos navegando por entre labirintos (Imagem 2), com pequenas ilhotas dispostas no meio do rio, sem que seja possível ver a margem oposta, a margem sergipana, o que antes era apenas areia em formas sinuosas, tem-se até chegar próximo a cidade de Piaçabuçu, última cidade alagoana antes do mar e a primeira no sentido contrário, está tomada por vegetação rasteira e também por vegetação de manguezal, em uma clara percepção de que mar e rio estão dividindo suas potencialidades e seus efeitos de entrelaçamento de mundos. (Imagem 3).



**Imagem 2** – Um rio em labirintos. 20 de janeiro de 2018.

<sup>6</sup> Ver reportagem online sobre a situação do Povoado Cabeço em Sergipe. <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/04/povoado-com-400-moradores-teve-de-ser-relocado-por-causa-da-erosao-marinha>

<sup>7</sup> Ver a história do farol em: <http://meioambienteeturismo.blogspot.com/2018/10/18/o-fantasma-da-foz-do-velho-chico/>

<sup>8</sup> Ver Valentim, 2018: p. 24.



Aos poucos, a vegetação verde, com espécies animais e vegetais, vão dando lugar a uma paisagem mais urbana, o rio agora encontra em suas margens, os traços das construções arquitetônicas, da presença mais intensa do componente humano em seus processos de perturbações e ruínas. A modernidade das cidades e suas construções que dialogam, conversam e se conectam com o rio, provocam destruições de ambas as partes, como aconteceu com a vila que foi engolida pela já fraca presença do rio adentrando o mar, seja ao contrario pelos processos de poluição e degradação mais acelerada por parte das cidades.



**Imagem 3** – Entrelaçamento de mundos (O rio e a cidade). 20 de janeiro de 2018.

A cidade de Piaçabuçu, hoje enfrenta uma situação de perturbação que antes era lenta e cada vez mais se torna acelerada, devido à baixa vazão do rio, que tem sido acompanhado de perto pelas autoridades, pelos ambientalistas. Os moradores da cidade desde meados do ano passado, estão sendo abastecidos com água salobra, devido à forte presença de água do mar, próxima a bombas de captação que abastece as residências. Tal fenômeno, chamado de salinização tem provocado transformações nas paisagens e modificado a rotina dos moradores da cidade ribeirinha<sup>9</sup>. Peixe de água doce, dar lugar a peixe de água salgada, o que obriga os pescadores a ter que reinventar-se, reconhecer novos modos de pescar e se fazer pescador em águas salobras, reconfigurando suas práticas pesqueiras e seus modos de engajamento com o rio, com os peixes, com os barcos e

<sup>9</sup> Ver reportagem sobre a salinização do rio em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2017/03/mar-avanca-sobre-rio-sao-francisco-e-afeta-populacao-ribeirinha-em-alagoas.html>

seus companheiros de pescaria. Na cabeça desses pescadores, não passa a ideia de que o rio está morrendo, porque tem deixado com que o mar avance, destrua paisagens típicas, escassez de peixes nativos, provoque erosões? É uma resposta que ainda está em aberta, assim como continuam em aberto os processos de rearranjos das paisagens, dos mundos em ebulição e das vidas que emergem das ruínas.

Piaçabuçu vai ficando para trás, com seus povoados<sup>10</sup> as margens do rio, recheados de uma vida simples, suas casas voltadas para o rio, barcos e canoas ancoradas no seu leito à espera da próxima viagem, do próximo passeio, são vidas e coletivos humanos que prezam pela primazia de viver na beira do rio, de estabelecer relações diversas, propondo formas diversas de engajamento, de se perceber e se colocar no mundo. Como as grandes cidades, estes pequenos núcleos habitacionais, se moldam e se desenvolvem na íntima relação com e para o rio. (Imagem 4 e 5).



**Imagem 4** – A beira do rio combina com uma Coca-Cola. 20 de janeiro, 2018.

<sup>10</sup> Povoados são pequenas comunidades, geralmente agregam núcleos familiares próximos, que são como bairros distantes, mas que se encontram na zona rural ou na zona ribeirinha mais afastado do centro da cidade e cujo acesso é muitas das vezes complicado.



**Imagem 5** – Um povoado a beira do rio e suas interações em ruínas. 20 de janeiro de 2018.

Olhando para as duas imagens, não tem como compreender esses mundos que se ajudam e se moldam cotidianamente, apenas fazendo uma distinção entre o que é natureza e o que é cultura, é preciso ir além, é preciso aportar em cada margem, em cada lugar se deixando contaminar pelas múltiplas particularidades, que cada morador ou moradora tem nos seus ambientes, nos seus encontros, nos seus ambientes familiares, na proporção que o rio exercer em cada corpo que habita e do rio faz morada. Nestes lugares, nesses povoados, as vidas estão sendo feitas, estão em constante estágio de evolução, de tomada de consciência de si no mundo, articulando suas habilidades, seus sistemas colaborativos com os outros e com um mundo não humano, produzindo ambientes familiares que geram identificação e compartilhamento de mundos, entrelaçando linhas e sentidos.

São em práticas cotidianas que devemos prestar atenção, voltar nosso olhar antropológico, pois ao contrário que se imagina, as histórias produzidas por cada comunidade, cada povoado não está finaliza, está sim em constante processo de formação, está sendo contada por todos os que compartilham suas vidas. Nessas comunidades ribeirinhas, pois, não se pode encontrar histórias ou mundos pré- estabelecidos, ao passo que o Rio São Francisco não se encontra pronto e acabado. Ele assim, como cada corpo humano, encontra-se preso ao presente, tecendo suas linhas de águas fluidas e rompendo ao passo que recua ou avança, os limites impostos pelo avanço das cidades e vilas. Estou

falando então, em processos mútuos de perturbações e contaminações, que são típicos de dois ou mais corpos, quem dispostos e ocupando o mesmo ambiente, se contaminam com as práticas, as narrativas e experiências. Quem ousa dizer que crianças ao se conectar com o rio não está aprendendo com ele, não está se deixando contaminar pelo encantamento de suas águas?

Do mesmo modo que uma criança ao nadar, ao mergulhar, está enfeitando e contaminando o rio com seus gestos, seus hábitos, seus corpos carregos de performances e habilidades, de memórias afetivas e trajetórias próprias em pleno processo de desenvolvimento e formação. (Imagem 6). Assim como uma mulher que deixa sua casa e vai lavar roupa e utensílios domésticos na beira, ao fazer, ela carrega com ela toda uma memória afetiva, carrega com ela ensinamentos, mas ao mesmo tempo tem formas próprias de se relacionar com o rio, de trocar saber com ele, de experienciar e respeitar limites impostos por ele, ao seguir seu curso. (Imagem 7).



**Imagem 6** – Crianças em processos de contaminação no mundo. 20 de janeiro de 2018



**Imagem 7** – Processo de colaboração entre mulher e rio. 21 de janeiro de 2018

Mulheres lavando roupas e seus utensílios domésticos, são imagens recorrentes ao longo de todo o baixo São Francisco, outrora mais presente, devido à falta de rede de abastecimento de água nas comunidades, hoje com muitas localidades recebendo este abastecimento, ruínas nestas paisagens se sobressaem, devido a processos modernizantes e de desenvolvimento. Homens e mulheres carregados de latas d'água na cabeça, tinha-se aos montes. Contaminar desta forma, não se refere ao sujo, ao poluente, mas o compartilhar de experiências, de energias que rodeiam cada corpo humano e não humana que habita o mundo vida. Nesta perspectiva, o Velho Chico e pessoas contaminam-se mutuamente em processos de interação e engajamento, pois como pontua Anna Tsing (2016: 04): “A natureza humana é uma relação entre espécies.” E não um controle de uma sobre a outra, do humano sobre o rio, mas ambos estão em processos de reciprocidade e correspondência.

O mesmo pode-se dizer entre, não humanos, ou entre o rio e o animais, como vacas e bois, por exemplo (Imagem 8), claro que ambos estão gerando processos diferenciados, a comunicação se dá de outra forma, se constituem em outros níveis de abstração e emissão de carga energética e contatos fora dos padrões genéticos e biológicos dos quais estão os homens acostumados. Rio, vacas e bois também estão em processos de reciprocidade, em processos de simbiose, constituindo em existências mutuamente benéficas e cíclicas.

Vacas e bois convivendo as margens do rio, também se constituem como imagens recorrentes ao longo de todo o baixo São Francisco.



**Imagem 8** – Processo de Simbiose entre bois e vacas com o rio. 20 de Janeiro de 2018

Outrora chamado de Rio dos Currais, pela entrada e saída de animais de pastos rio a cima e rio a baixo, para abastecer as grandes fazendas ainda do período imperial e início do século XX, o rio foi ao longo do seu processo evolutivo se transformando e sendo transformado, fazendas e pequenas vilas foram sendo transformadas em cidades, os grandes vapores e navios, vão dando lugar as embarcações de médio e pequeno porte. A escoação de produtos que antes era feita toda pelas canoas de tolda e gaiolas, estão naufragadas nos leitos do rio, soterradas pela areia, pelo esquecimento. Pontes foram erguidas de uma margem a outra, balsas transportam carros, cargas e caminhões. Hidroelétricas represam água, provocam alagamentos, provocam rearranjos nas paisagens, múltiplas paisagens se formam ao longo do baixo São Francisco.

Se na foz, se percebe a presença de paisagens formadas por dunas, mangues, florestas quase intocadas, ao passo que o barco sobe o rio, em direção da cidade de Pão de Açúcar, ponto final do passeio de dois dias, outros mundos da biodiversidade vão dando lugar, são paisagens que sofrem com a erosão, que quase não se tem a presença do tom verde sobre o ambiente (Imagens 9). Até que margens planas vão dando lugar a

montanhas, serras, que brotam de dentro do rio e ganham formas e sendo esculpidas ao longo da vida, com colaboração do vento, da água e do sol (Imagem 10). Vilas e povoados agora se erguem sobre os as serras e montes. Muitos lugares servindo de pastos para animais, grande quantidade de areas desmatadas, canoas dão lugar a bois e vacas, o rio antes com seus tons mais escuros, vai ficando cada vez mais claro, vai dando sinais de sua vazão e seca, a partir da nítida separação das profundidades de acordo com os tons da água, a parte mais profunda apresenta um tom mais escuro, já a parte mais rasa, o tom mais claro mostrando a areia no fundo do rio, impossivel de se observar onde o rio é mais fundo. Bombas de captação de água retiram do rio enormes quantidades, enquanto canais do sertão em Segipe e Alagoas, abastecem cidades e regiões, transposição também desvia água, a chuva não é suficiente para fazer correr rios e riachos que abastecem o grande Opará.



**Imagem 9** – O Velho Opará em ruínas. 20 de Janeiro de 2018.

Bancos de areia atravessam no meio da navegação, há hoje varios deles brotando no meio do rio, provocando rupturas, encalhamento de barcos e lanchas, deixando cada vez mais perigosa a navegação, principalmente no periodo noturno. Estou diante de um rio (que é multiplo e diverso) e paisagens em ruínas, estou diante, então em um rio no leito de morte, ou que está em processo de desencatamento do mundo, demonstrando sinais de outros processos de perturbações, contaminações e esgotamento do que se viu

ontem? “No lugar do mundo material, povoado por objetos solidos, os nossos olhos se abrem para um mundo de materiais, incluindo a terra, o ar e a água, em que tudo está em fluxo e transformação.” (INGOLD, 2015: 44). Se então, estou adotando essa postura antropológica e ou ontológica, este trabalho não chega a conclusões.



**Imagem 10** – Ruínas do tempo do novo Opará. 20 de Janeiro de 2018.

### 3. O Antropólogo e o Velho Chico

*O dilema da Antropologia é que ela permanece atrelada a um modelo acadêmico de produção de conhecimento, de acordo com o qual a observação não é tanto uma maneira de conhecer o que está acontecendo no mundo quanto uma fonte de matéria-prima para posterior processamento em explicações de autoridade que pretendem revelar a verdade por detrás da ilusão das aparências. Afirma-se que essa verdade encontra-se nas estantes da biblioteca, gemendo sob o peso de livros escolares e periódicos, ao invés de “lá fora” no mundo da experiência vivida. [...] A experimentação na vida cotidiana, por outro lado, é uma questão não de testar conjecturas em arenas de prática, mas de se inscrever na atividade prática no processo mesmo de seguir uma linha de pensamento. É pensar no aberto, do lado de fora. [...] (INGOLD, 2015: 43-44).*

O Velho Chico (Opará) me ensina desde que eu era criança, a remar, a mergulhar, a nadar e ir de encontro aos meus ideais, de forma consciente, livre e destemido, como tem sido me aventurar também pelos caminhos da antropologia. E ao voltar as suas margens, tanto o rio, como a antropologia me erguem para os novos desafios. Sempre que



posso, escrevo versos que remontam para a minha própria percepção sobre o rio e talvez seja essa a forma como ele quer construir, agora, no tempo presente, seus caminhos e suas trilhas navegáveis, afim de se mostrar para o seu filho na versão antropólogo, porque duros embates travo comigo mesmo, quando estou dividido entre uma antropologia mais explicativa, mais rígida, se esse é o adjetivo correto, e entre uma antropologia mais experimental, mais engajada.

Então certa vez eu escrevi: “Dentro deste rio, existem outros rios... descobrindo os caminhos que me façam escrever uma poesia (tese) sobre o Velho Chico. O que busco então é produzir ou poeticamente declamar, através do espírito, do corpo, das palavras, as vidas que se formam, que se convergem, que se aglutinam dentro de um rio, dentro de um rio que é múltiplo, é se reveste de magia, de encanto, que pulsa no calor dos dias, brisa leve e sopros de imensidão. Velho Chico é fonte de inspiração, de melodias felizes, de poesias que enchem olhos de lágrimas. Velho Chico é tema de novela, é reportagem, é filme, é cangaço, é artesanato, é moldura perfeita para a foto, é renda, é bordado, é festa, é tradição, é vida que pulsa em cada veia do seu povo.

Suas águas são fios e linhas que tecem memórias, que contam causos, que reverbera silêncio em noites de lua cheia. Suas águas afundaram navios, viu tribos indígenas serem dizimadas, viu negros formarem quilombos, viu Lampião perder a cabeça.

Sou um canoieiro a navegar pelas tormentas, pelos segredos, pelas maravilhas deste rio. Sou um canoieiro sem canoa, sou um menino que mergulha e se aventura no fundo do rio. Sou um nadador que abraça em cada nado, as marés e marolas que correm contra o mar em um fim de tarde. Sou filho deste rio, e faço dele porto, faço partida, faço livro, faço e refaço caminhos. Sou um antropólogo a navegar pelas incertezas da pesquisa, pela grandiosidade e importância da profissão. Sou um antropólogo que tenta transformar suas vivências e experiências de vida, em produções científicas. Sou um antropólogo, que entende que o mundo é complexo, que fazer pesquisa é viver coberto por marés de sorte e desprendimento. Faço da antropologia um prolongamento das inquietações, das falhas, do mundo em devir.

Há um antropólogo que olha o rio, como se olhasse para sua própria vida, seu nascimento, seu crescimento e evolução. Com o rio ele aprendeu a sonhar, aprendeu que cada mergulho é um mundo novo que chega e ao mesmo tempo parte e se vai ao longe. Há nesse antropólogo, um rio que corre em suas veias, há um rio que desagua em todos os olhos, olhares, e nunca é o mesmo em cada piscar. É preciso deixar a antropologia

fluir, como o rio que em cada margem se faz morada, se faz mundo, se faz correnteza e segue, desbravando infinitas possibilidades de ser. Assim como a vida.

Prepara-se a canoa, abrem-se os panos, olha as condições do vento. É chegada a hora de navegar rumo a outras margens antropológicas, rumo ao estranhamento de paisagens e práticas, ruínas, que estão impregnadas em teu corpo, em múltiplos corpos.



**Imagem 11** – Corrida de Canoas em Pão de Açúcar- Janeiro de 2019.

## Referências

FILHO, José Alves de Siqueira [et al]. O Caos da Biodiversidade do Rio São Francisco e a Inercia da Sociedade Brasileira. In. Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE- Ano XVII - Edição especial - Dezembro de 2015 Salvador, BA – p. 276 – 289.

INGOLD, Tim. Caminhando com Dragões: em direção ao lado selvagem. In. Cultura, percepção e ambiente: dialogo com Tim Ingold.- Carlos Alberto Steil, Isabel Cristina de Moura Carvalho, organizadores.- São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

INGOLD, Tim. Estar Vivo: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição; tradução de Fabio Creder. Petropolis, RJ: Vozes, 2015.

MOL, Annemarie. *The Body Multiple: ontology in medical practice*. Durham and London: Duke University Press. 2002.

TSING, Anna. "Contaminated Diversity in "Slow Disturbance": Potential Collaborators for a Liveable Earth". In: Martin, G; Mincyte, D.; Münster, U. *Why Do We Value Diversity? Biocultural Diversity in a Global Context*. Munich, Rachel Carson Center Perspectives. p. 97-99, 2012.

TSING, Anna. *Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras*. Tradução de Pedro Castelo Branco Silveira. - *ILHA* v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.